

## Editorial

Os artigos que compõem esta quinta edição da Revista *Ipseitas* e ora se apresentam aos olhos do leitor, trazem consigo aspectos singulares nas suas distintas abordagens, fazendo-nos perceber o quanto inesgotáveis são as fontes que alimentam as ideias acerca do cinema e suas relações com tudo que pode servir-lhe de inspiração. E a psicanálise, além de inspiração, serve-lhe também enquanto instrumento de análise, a partir do bom uso de determinados conceitos, sejam freudianos ou lacanianos, como bem faz, por exemplo, o filósofo esloveno Slavoj Žižek, que defende a pertinência da abordagem psicanalítica para os estudos cinematográficos, como será observado num dos belos artigos aqui publicados.

Cinema e psicanálise, duas descobertas que surgiram para o mundo no alvorecer do século XX. Podemos acrescentar também a descoberta do raio-x nesse mesmo período, aglutinando aí três descobertas, sem sombra de dúvidas, revolucionárias, sendo a primeira no campo das artes, a segunda, no campo da medicina e, a terceira, no campo do saber. Vale aqui ressaltar que o cinema, assim como a psicanálise, metaforicamente servem-se do raio x, na medida em que nos possibilitam enxergar além do visível, isto é, nos permitem ver além das simples aparências. Se, por um lado, o cinema busca a melhor imagem para expressar a palavra, por outro, a psicanálise, inversamente, busca na imagem, percebida muitas das vezes pela via do sonho, a palavra que possa dar conta de uma imagem.

Para essa empreitada, onde cinema e psicanálise são os protagonistas, foram convidados alguns autores/autoras que nos brindaram com seus instigantes artigos. Adriano Oliveira escreveu “O retorno da psicanálise ao cinema”, trazendo à tona o acalorado debate entre David Bordwell e Slavoj Žižek acerca da adequação do enfoque psicanalítico para os estudos fílmicos; Angelita Bogado, com “Estigmas da autorreflexividade em *Dogma 95*”, nos remete para algumas alegorias que se colocam como exemplo maior da autocrítica do movimento deflagrado pelos cineastas dinamarqueses Lars Von Trier e Thomas Vinterberg; Carlota Ibertis foca em Alain Resnais, escrevendo “Narrar o drama histórico: poética do olhar e ética da memória em Resnais”, onde descreve os filmes *Guernica* e *Nuit et Brouillard*, desenvolvendo considerações bastante pertinentes sobre o caráter testemunhal e seu papel na construção da memória coletiva; Robson Pereira, com “Ficção-científica: ecos do tempo no real”, nos mostra como os significantes se articulam, possibilitando-nos uma maneira de lidar com o real a partir das

ficções que se estabelecem ao longo da vida; Sergio Fernandes, ao escrever “*Heroína*, o filme: ficção e denúncia da realidade”, resgata um acontecimento bastante significativo, ocorrido na Argentina, entre os anos de 1968 e 1972, para mostrar a indignação do escritor/psicanalista Emilio Rodrigué com as práticas dominadoras que contaminaram e engessaram a maior parte das instituições psicanalíticas e seus discursos, reflexo, então, de um momento de tensão e efervescência vivido pelo povo argentino; Suely Aires, com “Vozes em cena”, propõe uma interessante discussão acerca do filme/documentário “Jogo de cena”, do cineasta Eduardo Coutinho, abordando a construção de identidades diante da câmera e a indistinção entre ficção e verdade; e, por fim, Thereza Coelho nos apresenta “Frida: um olhar para si e para o nosso tempo”, propondo uma discussão, a partir de uma entrevista da cineasta Julie Taymor, sobre as relações entre a arte e a psicanálise e suas possibilidades de provocação e transformação.

A entrevista com Miriam Chnaiderman, concedida especialmente para esta quinta edição da *Ipseitas*, apresenta algumas de suas ideias sobre a realização de seu primeiro longa-metragem (o documentário *De Gravata e Unha vermelha*, que estreou em 2015); apresenta também parte de sua trajetória pessoal e de seu pensamento teórico, marcado precisamente pela união entre psicanálise e cinema.

Por fim, a resenha de Lucas Piccinin Lazzaretti, que não se detém diretamente na reflexão sobre Psicanálise e Cinema, apresenta ao leitor o livro *Do Estado à Orgia: Ensaio sobre o fim do mundo*, de Francisco Verardi Bocca, publicado em 2016. A resenha destaca como o livro reconstitui histórica e conceitualmente a trama complexa em que diferentes autores (Hobbes, Locke, Condillac, La Metrie e Sade) compõem um projeto filosófico, permeado por torsões, que corresponde à própria modernidade. A resenha é, assim, o convite para a leitura do livro, mas também um possível ponto de apoio para a reflexão do tema que marca a presente edição da *Ipseitas*. Conhecidos os autores/autoras e suas respectivas temáticas, esperamos ter-lhes instigado a irem fundo nos artigos apresentados. Convidamos, portanto, a todos aqueles interessados numa boa leitura, a tirar proveito do rico e variado conteúdo que eles têm a oferecer.

.  
Boa leitura!

Josette Monzani  
Luiz Roberto Monzani  
Sergio Augusto Franco Fernandes

(Organizadores)